



Eu não sou especial

Aqui estão algumas das minhas anotações, textos de documentos que recebi e acontecimentos que vivi ao longo de mais de uma década. A anotação mais antiga data de 2007, quando a pequena Ná escreveu um poema sobre o cachorro dela; a mais recente, uma dúvida amorosa que me ocorreu num momento inoportuno, já finalizando este trabalho.

# JANEIRO

Vai ter lá em casa: alfazema.

Ouvi a frase “a sua experiência só serve para você” de uma senhora uma vez. As pessoas vivem me falando a história delas, me dando conselhos do que fazer para não estragar meu futuro e querendo me indicar o melhor rumo a tomar. O engraçado é que todas elas são divergentes, totalmente não coesas. No final, percebi que realmente nossa experiência só serve pra gente mesmo.

Sabe quando alguém estraçalha seu sonho? Quando a pessoa simplesmente prova que ele nunca será possível, ou tem grandes chances de fracasso. É triste encarar a realidade, você percebe o quão perto estava da Lua e o quão longe estava da Terra.

Não sei o que fazer!

Depois de uma coisa extraordinária nem sempre tem outra, às vezes a gente recebe pressão demais e só não rola.



Se não conseguires esquecer um beijo...

Ô meu deus, me traz de volta essa menina...  
Que raiva de mim! Por que tenho que gostar de certas pessoas? Certas pessoas que são primas de uma das minhas melhores amigas. Que ódio. E o pior é que, caralho, é a prima dela. Todo mundo me julga e fica falando: "Ah, eu já sabia que tu era bi, é óbvio que você quer pegar a dita-cuja". E ainda falam que tô viciada na guria, tchê, que tô fazendo de tudo para vê-la. Mas, bah, claro, né?! Quando você gosta de alguém é assim mesmo, quer ficar perto da pessoa a cada instante. Não posso gostar dela, não posso. Ela vai embora. Vai amanhã voltar para Porto Alegre. Puta merda.



CARALHO, tô apaixonada, CARALHO

Porra, duas decepções amorosas nas férias e foram tão, mas tão rápidas, que eu nem percebi quando a paixão começou, só sei quando acabou. Como posso ser assim? Me apaixono em 2 dias, aí ela vai embora, e depois me apaixono por outra apenas durante o período que leva uma peça de teatro. E logo após DOIS dias já descubro que ela é quase casada e é apaixonada pela namorada. QUE MERDA.

Realmente gostar de homem dá menos trabalho e eles são fáceis de esquecer, a dor sai rápido do coração. Além do meu gosto extremamente amplo para o gênero masculino, são paixões seguidas. Mas com mulher é foda. O que eu faço?



Escola de Cinema de Brasília.

"Minha alma deixa meu corpo quando olho pra ele".





Lucas, vou ser bem sincera, eu realmente gosto de ti, realzão mesmo! E, cara, é foda, porque quando eu fico a fim de alguém quero ver a pessoa toda hora, sabe?! Ainda mais agora, que nem tô beijando na boca.

Tem muito de você no meu pensamento, tem muito sentimento guardado aqui dentro, e é muito ruim te ver e depois você falar que não quer mais. Sei que, de certa maneira, fui eu que "forcei" esse encontro, que você nem queria nada, mas sei lá... Enfim, cê tava certo, melhor a gente não se falar mais. Mas foi daora nosso ano novo, agradeço de coração.

Nada para fazer, vou escrever para passar o tempo. Pensei em você hoje, talvez menos do que na semana passada, mas o suficiente para gastar a tinta desta caneta novinha. Nem sei mais há quanto tempo tô perdendo a paciência. Seus lábios será que são macios? Sua língua vai saber sincronizar com a minha? A saliva da tua boca vai me molhar em outros lugares? Talvez não devesse estar escrevendo isso no trabalho, mas aqui estou. Espero que não tenham câmeras. Se tivesse eu veria, né?! O que eu queria mesmo ver era um sensor de incêndio ou aqueles negocinhos que ficam no teto e liberam água. Será que esse é o sensor? Não. O sensor é o que apita, não? Sei lá. Vou te achar bonito? Atraente? Suas fotos me enganaram? Eu me enganei? *It was a perfect illusion*. Lady Gaga, espero que esteja errada. Te desejei tantos dias, te desejei em tantas situações. Queria te beijar na virada, queria te beijar na ceia de Natal. O problema é que nem sei se queria te beijar mesmo, ou a idealização que fiz do Rafael. Aqui qualquer coisa faz barulho. Prédio grande, vazio e velho. Olha, ali fora tem o trem que sai água. Libera. Acabei de descobrir que não é, não tem. A Simone foi tomar vacina? O Marcelo é uma pessoa curiosa, um jornalista que não acredita na ciência. Creio que esteja dodói, não para de tossir, uma tosse alta. Puta tosse chata. Homem chato. Meu computador não funciona, posso nem jogar Turma da

Mônica, como eu jogava no trabalho da minha mãe, quando era pequena e ela não tinha com quem me deixar e eu não tinha idade pra ficar sozinha. Tem que esperar a T.I. (Quando eu escrevi não parecia, mas digitado assim sem serifa parece um pau. Que saudade do meu namorado). O chefe da T.I. é gato. Hétero top, porém gato. Odeio encarar esses riscos azuis e mesmo assim saber que você não ouviu meus áudios. Sei que falo demais, mas. Nossa, já foi a página toda, credo. UNE-VOLANTE. Preciso beber água, se hidratar, me hidratar. Pronto. Acabei de enfiar minha unha no olho. QR Code. "Você sabia que o QR Code foi inventado/criado há vinte e ... anos no Japão? Telecine, seu momento cinema". Mas e o Rafael, hein?! Ai, meu deus, tô borrando meu lápis. Por que sempre fico me questionando a gramática de "lápis"? Fico numa dúvida mortal se não termina em "z", acho que fica mais bonito. Alguém acabou de ligar no meu ramal, mas Marcelo atendeu. Não sei se era realmente alguém, ele só pegou o telefone, "alô", e devolveu pro gancho. RA FA EL. Lafalel. Lafalel Ropez. Buarque chegou. 14h09. Tenho que parar de escrever?

Meus pensamentos estão meio contidos. Mas o que eu faço? Laranja, preto, cinza, azul, verde, rosa. Roxo e verde. Minhas unhas estão enormes. Queria arranhar suas costas com minhas unhas. MENTIRA, gosto de sexo amorzinho, carinho do seu pau na minha buceta. Olhar no olho. Olhar no seu olho. Olhar no seu olho e sentir verdade no nosso sexo. Sua cara de sonso, deve ser um tesão sua cara de sonso. Passar as mãos nos seus cabelos, reparar cada detalhe do seu rosto, suas sobrancelhas largas, seu bigodim na régua, sua boca gostosa. Nos meus devaneios ela é bem gostosa, uma delícia. Carnuda e sempre úmida, como que com uma eterna e imutável camada de verniz. Passar meus dedos, PREVIAMENTE HIGIENIZADOS, nos teus lábios, querendo sentir essa umidade na ponta limiar do meu ser, onde eu termino e você começa. Tem picanha todo dia no exército? Não é para os soldados. 98669. Mil e tantos soldados. Prestador de serviço

433. Queria não saber seu número de cor. Queria esquecer. (61) 991\*1-7\*\*0. Odeio esse número. 991\*1-7\*\*0. Odeio essa foto. Cê não tá bonito nela. Você é bonito?

Roriz, pilantra profissional. "Ainda tem gente que acredita em político". Cinco filhos, morava num barraco. Marcelo obviamente não tem noção da realidade do Brasil. Já deu.

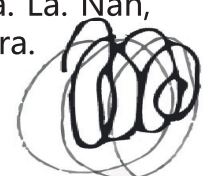


Mais um dia e o que me resta é escrever, né?! Ainda sem computador. Ainda sem resposta do Don R. Agora, prestador de serviço 436. Sozinha de novo com Marcelo. Preferia com o Theo. Theo de Theodório. Nome diferente. Buarque não gosta do Marcelo, descobri ontem. Buarque de Melo. 1808. Amsterdam. Será que no futuro vou lembrar desses dias ociosos na Imprensa? Sempre achei que "imprensa" fosse com dois "s". Esses. 13h18. Ainda olhando pra mesma tela que há dois dias, depois de mandar mil áudios. Risco azul. Não ouviu, não respondeu. Vinícius mandou vídeo, será que posso colocar headphone? Vai ser desrespeitoso? Nem tô fazendo nada mesmo. Aliás, estou escrevendo. Coloquei, foda-se. O VÍDEO NÃO TÁ DISPONÍVEL. Queria ouvir essa música. "Que"? Tocou. Ai, não gosto da Lexa. Eu tento, mas não dá. Hum, esperava um *beat* mais impactante. Acho que o que salva é a Danny Bond. Uma hora dessas e eu não tô rebolando no Fael. 3% e eu gastando, olhando para a tela da nossa conversa parada. P A R A D A, esquecida, estacionada. Com saudade de você, *amore mio*. A gente podia se chamar de "meu amor" em alemão. Preguiça de jogar no tradutor. Pelo menos o Marcelo fica numa angulação exatamente atrás do PC, então nem dá pra ver a cara, amém. Nem tirei foto do meu look hoje. Fota. Queria vir mais brega, mais piranha. Não muito piranha, mamãe não deixou: "Você não pode ir assim para o serviço público, Natália. HUM, essa tá melhor, mas eu trocaria a blusa. Se essa blusa fosse de outra cor...".

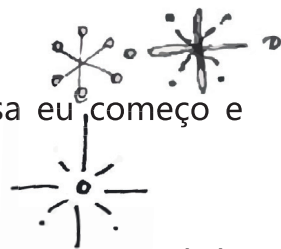
2%. Vinícius de novo. 1%. Ele gosta de Mc Rebecca, não gosta de Rebecca. Lote: 0719. Seu aniversário é igual ao meu, 19. 19 de novembro. Eu, 19 de março. Niterói, escola. Muito bonita aquela parte de Niterói que fui com minha tia uns anos atrás. O restaurante de peso dava a comida de graça se você acertasse exatamente o valor da refeição. E ainda ganhava um refri comendo mais de 15, ou 20 reais, não lembro. Não acertei meu valor, para desespero do Paulo. Se bem que acho que nem foi ele que pagou, ele nem trabalha, nunca trabalhou. Deve ter sido minha avó. Saudade de Maria Laura. Falei que hoje seria só uma página. "Óia eu aqui de novo, xaxando, óia eu aqui de novo para xaxar". Meus dedos estão doendo. Podia gravar o número do Hermes, né?! (61) 9, só consigo pensar no número do Rafael. (61) 9\*306-\*3\*9. 9\*306-\*3\*9. 9\*306-\*3\*9.

Tanto tempo sem transar, ainda não transei esse ano. Quem vai ser meu primeiro? Podia ser Rafa. NÃO. Podia. Sei lá. E a economia do país? Por que não penso em coisas mais produtivas? Tô tentando pensar numa fórmula aqui, mas não sei nada, preciso revisar uns conhecimentos da minha cabeça. Menti, não aguentei.

Minha bunda tá doendo de tanto ficar sentada na mesma posição. Buarque voltou do almoço. 14h03. Chegou afobado. Nem tinha me visto. Saiu para escovar os dentes, imagino. Eles ainda servem cafezinho na sala, isso é tão distópico, parece que voltei no tempo. 9\*306-\*3\*9. Eita, meti o dedo no olho e esqueci do trem que eu passei. Delineador. Creio que não borrou não. Lembrei o número do Hermes. Hermes Jasper. "iasper". Conserta a postura, cara. Critiquei Marcelo, mas acho que seria mais confortável ficar na sala com ele do que com Buarque, porque ele consegue me ver numa ótima angulação e realmente trabalha. Eu acho. Então me sinto mais culpada por ser vagabunda. Theo chegou cantando, talheres verdes nas mãos. Theodório Targine. Não posso terminar meus relatos com um nome. Talvez se for o do Ra. La. Náh, vou colocar o meu. Natália Sampaio Avancini Seabra.



“Não teve ditadura no Brasil não”. Com essa eu começo e encerro meus escritos de hoje. Não dá.



Quero escrever, mas tô com medo de esquecer o papel de novo. Sonhei com sexo, pra variar. Mas não foi com você. Foi bem gostoso, bem melecado. Tomara que ninguém leia isso, pelo amor de deus. Me segurando pra não detalhar o ato. Tava de... Todo mundo sabe que sou eu. Tava de roupa, calça jeans, só de calça. Do nada tava de saia e sem calcinha, com o pau dele na minha mão (não posso pensar nisso no trabalho, já tô piscando ali embaixo. Tô me sentindo uma senhora falando desse jeito, mas ok), pra colocar em mim. 13h13. Pensei na pessoa com quem queria estar transando. O pau dele todo melado, tesão líquido, tesão viscoso, o pau dele babando de me ver, ele boquiaberto e me desejando. Tava muito gostoso. Para de pensar nisso, Natália. PARA. Pensa na falta de rede no computador. O gato da T.I. podia vir arrumar. Ia ser engraçado um homem todo engravatado, todo tesudo, mexendo nos cabos do meu PC e me olhando de canto de olho com um sorriso malicioso, tentando se conter pela seriedade que o ambiente e que o serviço público exige. Ai, mas esse prédio é tão vazio, tanto lugar sigiloso pra gente se pegar fortemente, você metendo bem forte em mim, com sua cara de policial mal. Credo, eu fetichizando a força bruta do Estado, a legitimidade violenta do Estado. Mas foda-se, ele é gostoso. Só tô pensando nisso, credo. SEXO.

S E X O. P I R O C A. Seu pau dentro de mim. Toda molhada de vontade, olhando sua boca semiaberta e seus pensamentos compenetrados no buraco negro dos meus olhos. Estrelinha. Você metendo em mim. Com cara de bocó. Meio bocó, meio malicioso. Tá, parei. Nem me responder cê me responde, imagina fazer amor. Nem peço tudo isso, sabe?! Só um beijo seu. Queria tanto esse beijo. 9\*306-\*3\*6. Ainda errei. 9\*306-\*3\*9. Me sinto trabalhando numa loja que ninguém

vem, nenhum cliente, nunca. Me sinto mal. O que vou vestir amanhã? A moça que limpa a sala passou me olhando, viu que não faço nada, viu que ela faz mil vezes mais que eu, mas é a privilegiada aqui que vem com a roupa que quer, que sai mais cedo, que recebe para não trabalhar. No primeiro dia de trabalho ela já tinha o que fazer, já recebeu um balde, sabão e um pano, não esperou o computador funcionar. Muito dondoca mesmo. O dondoquismo do serviço público. Queria estar me sentindo útil. Perdendo tempo olhando pra esse celular, que há tempos não recebe uma notificação sua. E eu ainda tenho esperança. Ainda espero o dia que vou abrir o WhatsApp e ver um monte de mensagem que não me notificaram, por puro capricho da internet. Seria lindo, meu coração ia bater mais feliz. "O tic-tic, o tic-tac do meu coração, na alegria bate muito forte e na tristeza bate fraco porque sente dor". Mas não posso pensar em você. E ainda me servem, "vai um cafezinho?", para não fazer nada. Se tivesse chocolate quente aceitaria, minha barriga intolerante à lactose que se virasse depois. Pelo menos estaria sendo paga para fazer alguma coisa: tomar chocolate quente. Vou fazer algo: xixi.



# FEVEREIRO

"E o que disserem, minha mãe sempre esteve esperando por mim".



ODEIO. Odeio quando as pessoas me falam: "Ah, mas você não sabe o que é sofrer, sempre teve tudo na vida, nunca passou necessidade, nunca lutou por nada, tem tudo de mão beijada". Jura? Fala sério. Sei muito bem disso, agradeço muito por tudo que tenho, mas isso não me priva de sofrimentos, principalmente os causados pelos meus erros amorosos, que muitas vezes terminam em relacionamentos caóticos. Às vezes pesa demais, a tristeza bate e o que tem pra resolver? Pego o dinheiro que tenho e esqueço de tudo? Dá pra fazer isso?



Foi mal! Tava no meio do mato e fiquei sem bateria. Raquel me contou sobre você ficar insistindo pra ter meu número (mesmo eu tendo te dado antes) e falando que sou "mina pra pegar fora do carnaval".

Minha primeira vez. Nossa, doeu muito. É uma algazarra para uma coisa tão... nada demais. Doeu, doeu e doeu. Dor foi o único sentimento que tive. Gosto dele, mas será que estou apaixonada? Não, definitivamente não. Fala sério, eu nem conheço esse garoto. Será que foi certo?

Ísis e eu chegamos antes dos outros. Ficamos uns dias em Niterói para depois encontrar nossos amigos em Ipanema, no apê reservado do Airbnb. Carol estava começando a se envolver com Lucas (ela o tempo todo no celular, já que o amado estava em Brasília), Débora foi com o Caio (eles já tinham terminado, mas estavam na fase de sexo pós-termino), Guilherme, namorado de Ísis (AGORA EX), chegou junto com a comitiva, e Maria Clara era a única solteira para me acompanhar nessa viagem.

Não sei o que aconteceu com o clima do Rio de Janeiro quando meus amigos chegaram. Eu e Ísis aproveitamos calorosos dias nas praias da Região Oceânica de Niterói, mas, no período em que nos acomodamos no coração da capital carioca, as manhãs eram nubladas, não dava praia.

A primeira noite foi no Circo Voador. A música tava boa, a bebida num preço razoável, a decoração bonita, estava tudo ótimo... Tirando o fato de que só tinha gay. Somente gays. Gay, gay, gay e mais gay. Nem sapatão tinha naquele lugar. Não sou do tipo de pessoa que vai pra festa só querendo apresentar ao mundo minhas habilidades como dançarina; EU QUERO BEIJAR NA BOCA, CARALHO. A paciência que eu

tive pra ver meus amigos se beijando enquanto a minha boca só tocava o copo foi incalculável. Maria Clara parecia estar satisfeitíssima apenas rebolando ao som dos funks, então tive que me prostrar sozinha. A solidão da solteira assanhada é tão exaustiva.

Nos dias seguintes, em cada lugar que íamos, percebia o público majoritariamente homossexual. Homossexual E masculino. O único que fugiu do padrão foi um bar de jogos que ficava na Visconde de Pirajá, frequentadíssimo por famílias e homens de segunda idade. Inclusive, esse dia foi um caso à parte, não sei se cabe nessa história, mas o fato foi que preparei um bolo com maconha, da mais duvidosa qualidade, que compramos com algum vendedor de Matte no Posto 9. Quem já experienciou o efeito





que a marijuana digerida faz, sabe que eu, tendo comido três pedaços da sobremesa, estava em um estágio elevadíssimo de letargia — que, somado aos meus pensamentos obscuros, resultou na mais profunda *bad vibe*. Acordei na madrugada convicta de que Dona Úrsula me deserdaria, além da desobrigação que sentiria de me acolher sob seu teto, já que para mim naquele momento não havia chance alguma de me desvencilhar daquela Natália. Tinha tomado um chá de fita com forma e cheiro de erva.

Permaneci nesse delírio por quase três dias. Felizmente, o impacto dele sobre mim decrescia. Na tarde do terceiro dia, já concebia o fato de que minha mãe jamais tomaria conhecimento do ocorrido e eu nunca mais submeteria meu estômago a outra receita com a plantinha do diabo. Agora era só esperar a bonança após a tempestade que havia passado. Segundou. Procuramos, meio incrédulos, por um agito. E tem festa na segunda-feira? Teve. Copacabana, Rua Siqueira Campos, 143, Loja 22A – Fosfobox Bar Club.

Finalmente homens héteros, hosana nas alturas. Sapatão o evento ainda ficou me devendo, mas uma luta por vez. O espaço tinha dois andares, divididos por gêneros musicais. No de cima, logo onde se entrava, pop. No inferior, acessível por uma escada gradeada (onde acontece muita coisa), um funkão estralando.

Você é o menino da banda Sinara? “Fala baixo”. É você, né?! “Aham”. Ô beijo ruim, acho que ele tava doidão de papel, parecia. Pelo menos ele é lindo, sem contar que foi o primeiro beijo da viagem. Desci, dancei um pouco ao som de funks bem baixaria, só esculacho meixmo (pra forçar o carioquês). Enquanto bebia com meus amigos ao lado da escada, pra ficar de olho em quem descia, vi um boyzinho bem gracinha, mas bem gracinha de com força. Estilinho meio playboy, que não é muito minha praia, mas a gente engole com cachaça. Galera, só vou ali fazer umas carícias bocais e já volto. Não voltei. O menino era fofo, fora o meu estado de desespero emocional e sexual, que estava grande, enorme. Ele me



chamou para dormir na casa da mãe, jornalista no programa da Fátima Bernardes. Conheço bem toda a fama que o Rio tem de violência, no entanto eu tava tão bêbada, tão carente, que não questionei nem por um momento a minha escolha de ir. O pequeno grandessíssimo detalhe é que não contei para nenhum dos seis amigos que estavam comigo da minha decisão, além de não estar com celular. Que erro!



Chegamos na casa dele no Baixo Gávea, BG (sempre vou lembrar da música de Caetano: “Quem sabe eu te encontro de noite no Baixo”), a mãe super receptiva, eu morrendo de vergonha. Transamos antes de dormir, sexo meia-boca. Acordei tarde, bem plena, contemplei a vista extraordinária da sala e Gabriel me chamou para tomarmos um banho juntos, já que a mãe a essa hora estava no estúdio da Globo. Gastamos a água da Zona Sul inteira, não sei nem como a Lagoa Rodrigo de Freitas ainda existe (falo disso sem orgulho algum, prometo). Transamos e transamos. Esse sim foi um sexo gostoso.

Era o último dia em que nossos amigos tardios estariam lá e, justo naquela terça-feira, o sol brilhou forte. Tava um climinha tão delícia que voltei a pé do BG ao encontro deles em Ipanema. Fui numa paz, com o calor dos raios solares sobre minha pele.



Um bilhete pregado à porta do apartamento alugado. A felicidade acabou. Transcreverei agora as palavras que me gelaram o corpo e me fizeram cair na real sobre a seriedade do que eu tinha feito: “Natália, sua FDP!!! Estamos te procurando na delegacia, na boate, na porra toda. A chave tá no porteiro. Manda mensagem, caralho, sinal de fumaça, qualquer coisa. Tu é doida, minha filha”!

Meu deus, o que eu fiz? Apesar da minha pressa para entrar e alcançar o celular, que estava na mala, a maçaneta não colaborou. Tive que recorrer novamente ao porteiro, dessa vez para desparafusar a fechadura que não abria nem a pau. Por mais que eu estivesse sofrendo de ansiedade por dentro para me comunicar com meus lindos amigos — que com



certeza iriam me matar depois de saber que eu não tinha morrido —, Seu Reginaldo foi tão solícito, tão fofo, que fui obrigada a manter a compostura durante a espera.



Peguei meu celular com as mãos trêmulas e liguei para Carol; ela logo me colocou para falar com Ísis, aí só ouvi choro e raiva, raiva extremamente legítima. Estavam de frente com o delegado, que tentava convencê-los de que um sumiço em festa era normal, não era sumiço de verdade, era uma fugidinha, que eu provavelmente estava transando. E estava mesmo. “Então tá bom, já que vocês acham que ela realmente está desaparecida e corre perigo, precisam ligar para a mãe”. Ninguém queria contar uma coisa dessas para Dona Úrsula, a mulher é brava demais. Entretanto, a amiga chorosa admitiu que eu dei sorte: segundos antes da minha chamada tinham decidido ceder e ligar para Brasília.

Esperei angustiada o retorno deles. Acho que nunca tive instantes tão apreensivos na minha vida toda, eu sabia o esporro que viria e eu não podia impedir. Ele veio não só verbal, como também físico. Sim, Brasil, eu sofri agressão, foram disparadas seis chineladas simultâneas nos meus braços. A vermelhidão no meu corpo evidenciou a revolta deles. “Agora vai ter que voltar pra delegacia pra declarar que você está viva e bem, enquanto vamos aproveitar o resto de praia na porra do único dia que fez sol nessa caralha. Obrigada, Natália”.

Débora e Caio tiveram que me acompanhar, fiquei sabendo no caminho que rolaram muitas coisas naquela manhã. Aparentemente o delegado apaixonou na minha amiga e colocou ela pra resolver tudo no meu caso, era a ponte entre mim e a polícia local. Caio, o ex, morrendo de ciúmes apesar do término, falou que iria com a gente — o que Dé não achou ruim, queria mostrar para o oficial que estava acompanhada, já que homem só respeita uma negativa feminina quando a mulher está comprometida.

A unidade policial era bagunçada, parecia um muquifo. O comissário não tinha pudor algum, escancarava a investida



na garota. “Fala pra gente, conta o que aconteceu”, ele pediu. “Sabia”, ouvi ao fundo. A delegacia estava bem vazia, consequentemente todos os servidores se entretinham com minha história. Assinei um termo atestando minha identidade, para conclusão do processo de desaparecimento. Podíamos ir embora finalmente.

Ainda conseguimos aproveitar o pôr do sol no Posto 9, todo mundo junto. Naquela noite fizemos um programa mais leve, afinal a maioria viajaria na manhã seguinte bem cedo. Compramos umas bebidas e ficamos na nossa sala provisória. No meio de uma partida de presidente, um jogo de baralho, Débora recebeu uma mensagem; era o diacho do delegado a convidando para um jantarzinho romântico. QUE CARA DE PAU, meu deus. Moço, aceita que ela não quer. Depois tive noção do quão incansável aquele homem era, ele continuou entrando em contato mesmo sabendo que ela já estava em Brasília; disse que viria pra cá, fazer uma visita. Senhor, dai vergonha na cara para esses homens, que tanto precisam, amém.

Voltei para minha casa duas semanas depois, abalada com a despedida daquela terra que me proporcionou tantas sensações únicas (algumas espero que realmente não se repitam).



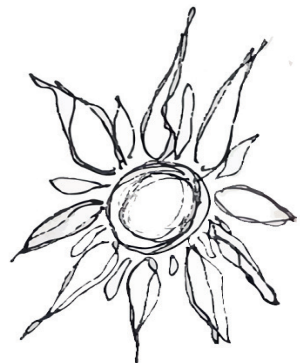
Ok, relacionar o texto *A Linguagem Secreta do Cinema*, do Jean-Claude Carrière, com o curta *Vidas Cinzas*, de Leonardo Martinelli (falso documentário), e com o longa-metragem *Close-up*, de Abbas Kiarostami (drama/docuficção – semidocumentário, 1990), do Irã.

O que abordar: pegar o trecho que ele associa ao teatro, outro que ele fala da ambiguidade no cinema e a frase do moço lá que falou de uma linguagem própria do cinema. Falar com isso que, realmente, em muitos aspectos o cinema se assemelha ao teatro, tanto quanto às outras inúmeras formas

de arte, como até as incorpora (usar aqui o trecho dessa similaridade e da dependência das artes) — inclusive, alguns filmes que vi ao longo de minha vida me transmitiram de fato a sensação de ter passado por uma bilheteria e adentrado uma sala teatral, como *Moulin Rouge* (2001).

Mas, como colocado por Barrière em “(colocar a frase da ambiguidade)”, o mundo do cinema cria essa (procurar sinônimo para ambiguidade). Por exemplo, quando se entra numa sala de espetáculos, sabe-se que o que virá a seguir não é real. Mesmo que o teatro tenha função catártica, como dito pelos gregos antigos, o espectador não consegue se enganar quanto à veracidade do que presencia. Já no mundo da sétima arte, é perpetuada essa dualidade: realidade versus ficção, como em *Vidas Cinzas*. Sabemos que a problemática principal não é factual, factível (pesquisar a diferença entre as palavras), mas, como nos são apresentadas personalidades políticas reconhecidas debatendo, surge uma ponta de dúvida. Imagine então criar um falso documentário com um tema plausível, verossímil? Facilmente engambelaria geral. Portanto, um gato de Sch... É e não é. Assim, uma linguagem própria do cinema, como disse...

Em outro trecho (procurar sinônimo) o autor fala sobre mostrar a realidade de cada um (achar essa parte). *Close-up* mostra um Irã que, já em 1990, num país que detemos no imaginário coletivo ocidental como violento, repressor e autoritário, realizou um julgamento muito mais “humanizado” do que os de audiências televisionados na maior “democracia” do mundo (desenvolver melhor).



# MARÇO



Chico e o mundo são parecidos

O mundo é verde e azul, o Chico é bege e preto

O mundo é muito grande, o Chico tem olhos gigantes

O mundo está sendo poluído, o Chico tem problema de respiração

O mundo é azul por causa do céu e verde por causa das matas, o Chico é bege e preto porque ele nasceu assim

O mundo tem vários países e neles há capitais e estados, o Chico tem ossos e a capital dele é o meu coração

O mundo fica no sistema solar, o Chico fica na minha casa

O mundo causa problemas, o Chico faz cocô e xixi pela casa toda e morde tudo

Ok, nunca daria certo. Eu e ele somos incompatíveis.

As pessoas... são uma bosta! Principalmente eu, que sempre gosto tão fácil. Ô diacho, mesmo quando eu já achava que não daria certo, no momento em que ele vem e afirma que nós não temos nada eu fico mal. Qual o meu problema? Será que vai ser sempre assim, nunca vou ser feliz? Acho que ninguém que eu goste nunca vai gostar de mim (MEU DEUS, COMO A NATÁLIA VERSÃO 1.6 ERA DRAMÁTICA, FIM DO MUNDO).

Putaquepariu, tô fodida, literalmente. E por um cara otário,

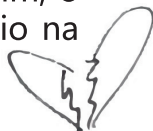
que merda. Por que eu crio tantas expectativas? Por que não consigo não gostar dos outros? Culpado é o meu coração. Achava que ficar simultaneamente com várias pessoas seria legal, mas né não; no final eu gosto de todas e nenhuma me ampara. Mas é isso, pra elas o que falam e como agem comigo não é nada demais. Só que pra mim é. Que saco, por que pra mim é?



Quero ir na sepultura do Renato lá no Rio, mas não sei se ele está enterrado, boatos de que ele foi cremado.

Talvez o motivo pelo qual não acredito na instituição casamento seja porque eu nunca me sinto completamente satisfeita num relacionamento, já que sempre gosto de duas ou mais pessoas ao mesmo tempo e preciso de todas elas. Além de também não acreditar que alguém em sã consciência quererá passar o resto da vida só comigo e continuará feliz, feliz todos os dias, como no nosso primeiro encontro. Também porque eu não quero um casamento por comodismo, que não tenha mais paixão, que só persista por costume de já estar aí.

E o estranho é que o que realmente me faz feliz não é o fato de estar tendo algo, desenrolando uma convivência, e sim o friozinho na barriga, os olhares marcantes, as mensagens misteriosas e a dúvida que consome os amantes inexperientes. O momento em que você fica pensando se ele gosta ou não, se ele quer te chamar pra sair ou não, se você deveria chamar. E a cada coisa boa, cada passo adiante que ele dá, o coração sai do corpo e fica suspenso, perdido no espaço. Acho que esse é o ápice. Mas quando já tá claro que ele gosta sim, o jogo e sedução não é mais jogável, tá fora do ar, o frio na barriga nem vem.



Entro em casa, olho pra mesa da sala. Um recadinho de Dona Úrsula: “Como eu poderia te deixar almoçar sozinha no seu aniversário? Desfrute do seu presente! Parabéns” . E logo imagino que chamou Carol ou, sei lá, alguma amiga que eu não imaginasse.

Quando adentro a cozinha, a mesa linda, cheia de comida da mais gostosa que existe, e o melhor: três caras lindos, grandes gostosos, e a quarta cadeira vazia, esperando por mim. Nossa, seria o melhor presente.

Como é bom almoçar na casa da tia Jó. Chego de carro, banco do copiloto. Bate aquela nostalgia dos milhares de momentos que passei lá, todas as pessoas e ruas que eu conheço de cor. A cada esquina percorrida me lembro de um fato, de uma brincadeira ou um choro chorado nas ruas da Granja do Torto, a Granja antiga que me viu crescer criança.

Perto da casa de madeira já nos percebo perto de uma das casas nas quais passei boa parte da infância. Depois do único degrau que me separa da entrada da sala, sinto o gosto de batata e ouço o barulho do gás anunciando o refrigerante. Quando coloco na boca a primeira garfada, como amo essa sensação. Batata como só a Jó sabe fazer. Arroz grudadinho, feijão bem temperado e um copo de gelo com Coca-Cola. Depois tem aquele papo enquanto ela lava a louça, papo família, de saber dos estudos e dos amores, mas nada na intencionalidade de detalhamento; ninguém com mais de trinta quer realmente saber sobre aventuras românticas ou sexuais de adolescentes.

Vamos para o quarto, vemos um pouco de TV. Só o dispensável, programa de domingo à tarde de qualquer canal. Ela me conta o que eu fazia quando pequena: deitava sobre o ventre dela e agradecia a barriga grande e molinha que ela tinha. Continua igual. Dormimos imersas no ambiente de cidade do interior: janelas fechadas, escurinho, barulho de gente conversando na rua, uma total despreensão do tempo. Então, comemos



de novo.

Desde pequena sempre foi assim, a casa da tia Jó é onde como tudo que quero, só porcaria. Biscoito recheado, batata-frita, pão aos montes, pizza e uma coquinha para arrematar qualquer refeição desequilibrada, incluindo desjejum. Boníssima nostalgia.



*Os Homens que não Amavam as Mulheres.*

"Oi!  
Boa noite  
Tudo bem  
Desculpa o encomodo  
Mais te achei  
Muito bonita e  
se podermos  
conversar seria  
uma satisfação  
ZAP  
- número de telefone"



# ABRIL

Quando eu falei que não era bom ter um menino no seu pé, mesmo se for bonito ou feio, eu não tava falando de você! Também porque você não gosta mais de mim.

Quem te disse isso?

Você, ué!

Quando eu disse que desisti? Claro que eu ainda gosto, e você sabe que eu só não quero continuar gostando de uma pessoa que só me desprezava e eu ainda sou apaixonado por você.



“Natália, é difícil não pensar em você, tentar te esquecer é mais difícil ainda, eu me enganei, achei que desistir de você seria bom pra mim, mas não foi, a distância só aumenta o que eu sinto por você, é muito ruim pensar que eu queria terminar algo que não tinha começado, não seriamente, acho que seria justo te contar isso, mesmo que você não se importe.

Eu só quero que você saiba que você sempre posso contar comigo” .

Alguém me sacolejando. O sono tava tão bom. Natália, porra, acorda. Que é que é, Carol? Porra, Natália, acorda, tem um homem no nosso quarto. Gelei. Finge que nada aconteceu, volta a dormir. Dormir dura que nem uma pedra, o corpo tesou de aflição.

Na situação estávamos Carol e eu, sozinhas, num quarto de

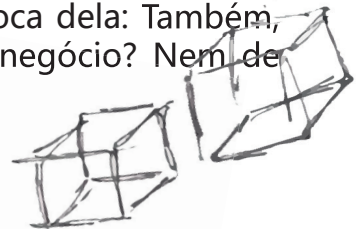
um hotel em Copacabana. Minha mãe dera a viagem como presente pelos 17 anos de vida da minha amiga, que a essa altura do campeonato já era da família. Batizada seis anos antes e com Úrsula, mamãe, como madrinha. Besteira essa coisa de batizar neném, nem sabe se ele quer ser católico. Vai que ele segue uma linha mais Hare Krishna? Se ele quiser ser um dos muitos monges do Tibete, um batizado católico pode prejudicar o currículo. Se bem que 11 anos também não sei se é a idade ideal, Ana Carolina não é a devota exemplar. Talvez com uns 18 seja melhor, pode beber e batizar.

O hotel lá era meio velho. Conservado, mas com algumas velharias no mobiliário e no conceito. Tinham duas portas, além da do banheiro e das do armário, claro. Uma dava para o corredor, a outra para outra porta. Acabei não fazendo pesquisa depois, para entender a lógica de uma passagem de um quarto para o adjacente, com a premissa de os dois quererem. Se um não quer, dois não passam. O fato é que aquela possibilidade de travessia colocou uma ideia na cabeça da minha amiga. Ela foi dormir com essa ideia. Na cama de casal éramos três: eu, Carol e a chance de alguém entrar no nosso quarto.

Não quero acordar, não quero lidar com isso. Se eu não constatar, o acontecido não aconteceu.

Natália, porra. Porra, Natália. Tá, vamos lidar com isso. Eu, que tanto julgava as vítimas dos assassinos dos filmes de suspense, que sempre iam de encontro ao perigo. O que você quer fazer então? Onde ele tá? Não creio, nosso grande salvador vai ser a lixeira que agora Carol empunhava, em direção ao banheiro. Nem ligamos a luz, "senão ele vai perceber", mas a barulheira que fizemos antes não teve nenhum efeito nesse sentido. Para fugir da dupla negativa, tinha ninguém.

Ninguém no banheiro, ninguém embaixo da cama, no frigobar nem caberia, e ninguém para abrir a porta ligante, trancada. Meu alívio mental saiu em palavras da boca dela: Também, como eu ia defender a gente com esse negócio? Nem de metal é.



Olhar agora o pôr do sol em Ipanema faz até poético rir do vislumbre de invasão.

Não podíamos sair da sala. A regra estabelecia que, se alguém deixasse o local no qual estava sendo realizado o curso da autoescola, perdia um dia e teria que repor, inclusive financeiramente, a aula perdida. O lugar dispunha de duas câmeras e um aparelho de biometria para comprovar nossa presença. A gente faz o quê, então, pelo amor de deus?

Tínhamos acabado de receber a notificação de uma possibilidade de bomba no bueiro entre o Banco do Brasil e o edifício onde ficava a autoescola. Todo mundo saiu, o prédio e os arredores foram evacuados. Minto, todo mundo não, nós tivemos que ficar. Eu, os outros alunos e o professor passamos a ficar ilhados, fomos cercados por faixas policiais. O esquadrão antibombas chegou, os bombeiros já estavam lá. Àquela altura a aula já tinha se perdido, o cenário que víamos da janela despertava muito mais interesse do que a mecânica básica dos veículos. Estava uma algazarra; era gente com medo, era o cético do professor, que repetia “isso não é bomba não, ninguém faz isso no Brasil, vão fazer isso pra quê?” , somados ao barulho das sirenes e à falação dos jornalistas, que não paravam de chegar.

Essa brincadeira durou cerca de 40 minutos, até sair o veredito de que uma bolsa vazia estava presa na boca de lobo. Foi um alívio e um desalento, a turma se poria muito mais empolgada se a bomba fosse real e nós, sobreviventes. Ao fim só sobrou a história para contar à minha mãe quando regresssei.

“A pedalar, camisa aberta no peito” .



Lugares para ir: Macau, Praga, Oymyakon e Prambanan.

A maioria das reações que são muito rápidas tendem a ser

adiabáticas, e as mais lentas, isotérmicas. Adiabática: sem aquecimento, ou seja, sem troca de calor.



Rádio Batuta – Spotify.

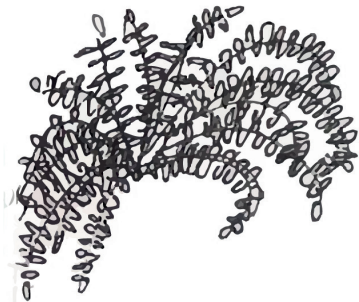
Sobre o Botafogo e o João Pedro

Quando estava contigo no jogo pensei em falar tantas coisas boas, coisas bonitas.

Quis dizer que te amava. Como escreveu um poeta qualquer, ou qualquer um dos poetas, da capacidade de se amar alguém na primeira vez que o vê.

Quis dizer que meu coração se partiu quando você disse que voltaria pra Bahia ainda neste ano.

Agora só me contento com a emoção de ter visto minha primeira partida de futebol e com o desprazer de ter dezenas de ligações suas não atendidas.



# MAIO

Como dizer a alguém que não para de pensar nele, que não consegue esquecer o olhar dele, que não sabe como, mas o ama sem ao menos o conhecer? Como dizer que o coração quase sai do peito só de vê-lo passar, que nesses sofríveis quase dois meses sem ele sentiu tanto a falta dele, como se o conhece intimamente? Simplesmente não sei como dizer, tenho medo. Vou esperar me esquecer.

Caralho, realmente admiro essas pessoas que já sabem o que fazer da vida. Ainda tô tentando me achar.

Casamento? Não sei se algum dia vou amar tanto assim.

Já fui mais engraçada. Acho que a vida me amargou, que nem jiló.

Na moral, odeio “Marcelo” . Nunca vou me envolver com ninguém com esse nome. Marcelo. Marcelo. Marcelo. Não gosto.

Asa Sul, 208, bloco A, apt. 601/602, JK.



Dezessete anos de vida desse ser bipolar, complexo, misterioso e totalmente descontrolado. E com esses anos vêm oito de pura discórdia, risadas extremamente fora de hora, brincadeiras sem graça, momentos constrangedores, de intimidades que até causam vergonha e, claro, infinitas doses daquela coisa confusa que as pessoas chamam amor. Nossa amizade é cheia de altos e baixos, felizmente mais altos. É a relação essencial pra que eu acorde todos os dias e aguente aquele ambiente macabro, repleto de malucos, no qual somos reconhecidos como alunos. NUNCA me deixe, nem sequer por um segundo.

Sei que ainda faremos muita bagunça nessa vida, ainda passaremos por muitas derrotas, mas também por muitas vitórias, e em todas quero a certeza de que te tenho como amiga. Sendo assim, tudo ficará bem no final. Desejo pra ti uma vida intensa e cheia de descobertas. Ah, e que tenha muito juízo, que me falta.

Sinta-se abraçada e beijada pela pessoa mais linda do universo inteirinho: eu.



Véi, é muito hipócrita a sociedade que reprime e condena uma menina de 8 anos que canta música com teor sexual, mas fica calada diante de um funk muito mais pesado cantado por um menino de 13. Ok, ele tem 5 anos a mais, mas o problema não é esse. O que influi aí não é ser menor de idade? Que eu saiba 13 anos é menor que 18. Fala sério, essa repressão é muito machista. Sou realmente contrária a essa adultização de crianças, mas, se for para condenar uma, por que a outra não é condenada e obrigada a também pedir desculpas publicamente?

Tá, o banheiro já é foda, feito em mármore, dourado, lâmpada amarela, essas coisas. Tem uma chave sobrando e, por incrível que pareça, tem uma pequena fechadura no box, que muito

ia passar despercebida. Mas, quando aberta... BUM, um novo banheiro dentro daquele. Uma banheira muito louca, uma ambientação estilo Casa Cor, com plantas penduradas e areia no chão; tudo com muita luz, luz neon, colorida (mas um colorido fino), porque o sonho não paga conta de energia e que se foda o meio ambiente. Champagne e ofurô, porque não basta já um trem pra se enfiar, tem que ter dois. Almofadas (que anti-higiênico, Natália), velas e televisão. E bem, bem escondido, ia ter outra fechadura, a qual as pessoas suporiam que daria para um cômodo aberto da casa, uma saída de escape. Não, ainda daria para um lugar secreto, um jardim/sala/quarto muito, mas muito luxuoso, ainda mais estilo Casa Cor. Decoração bem extravagante, uns tons escuros, uma pegada mais sensual, um lustre no teto, luz baixa, um sofá grande e confortável, em couro. Uma cama de chão, embutida, ou pode ser provençal, com uma "cortininha", mas com uma pegada mais bruta, além de um telescópio que tem a imagem ampliada por um jogo de lentes que tem no teto, aí dá pra deitar e olhar o céu de dentro (Mas, se essa porra é toda fechada, o telescópio vai ver o quê, ô meu pai eterno?). E um frigobar bem grande (uma geladeira?), luxuoso e com um pedaço de vidro na porta.

Senha do Sisú: carnEirinho321.

*Amores Platônicos*, 1636.

Lavar bebelô de manhã, junto com o rosto;  
Pegar sol, tomar vitamina D;  
Caminhar com Dona Úrsula para almoçar;  
Ir no trem da Ísis;  
Escrever 1 parágrafo do trabalho de realismo;  
Fazer o cálculo qui-quadrado do menino Wladimir.





Rodoviária do Plano Piloto, 2h38, tava acabando o rolê. Você me deixou sozinha, pegou um uber e me deu tchau. Fodeu, vou andando pra casa de novo. Perguntei a uns ambulantes... "Ih, garota, agora ônibus só 4h" .

Saí andando e trançando meu cabelo, às vezes torcendo o pescoço para talvez ver uma luz laranja prolongada vindo em minha direção. Cheguei à parada do eixo na altura da rodoviária. Cinco pessoas. Fiquei. Vou andando é nada. Três chamaram um carro, pedi uma carona, mas a motorista não queria nem levar mais de dois passageiros, por conta da hora. Não tirei a razão dela, deixei pra lá. Voltei ao encontro dos restantes. "Tu não conseguiu lá com eles não" ? Não insisti, a moça estava com medo.

Ai, graças a deus um ônibus.

Putá merda, ele virou? Por que ele virou ali?



"Tava vendo um mais cedo, também virou lá, tá passando por baixo, na rodoviária" . Será que a gente desce? Não vai dar tempo. Passou outro. Se a gente tivesse ido naquela hora... "O jeito vai ser descer mesmo" ! Se você descer, eu desço contigo. "Precisa ficar com medo de ficar comigo não, moça, eu não faço nada não" . Não, você vai junto, desce todo mundo. Esperamos mais um tempo, só para evitar o arrependimento de perder o ônibus mágico que poderia aparecer.

"Muito doidão aqui essa hora da madrugada, não?!" ;

"Com licença, colega, roubaram minhas roupas mais cedo, só tenho isso aqui, ó" . Desculpa, não temos nada. "Rosângela, Rosângela, meu amor, onde você tá" ?

"Meu carro quebrou ontem, logo antes desse show que tive ali no Brazília, aquele bar, sabe onde é" ?! Como eu ainda não tinha reparado na caixa de instrumento dele? É violino?

"Saxofone. Amanhã toco lá em Luziânia. Preciso do carro, não vai dar pra sair essa hora e ficar dependendo de ônibus" . Vou emanar energias positivas para o mecânico arrumar a tempo, vai dar tudo certo. "Nossa, fazia muito tempo que não vinha pra rodoviária a essa hora" . "Volto pra casa não.

Chego lá já tenho que voltar pro trabalho, tenho que estar 7h30 lá no Cerasa de novo. Até chegar..”


O vimos entrando no ônibus: “Ué, decidiu ir?” . “Ah, vou pelo menos tomar um banho, fechar os olhos uns cinco minutos, aqui dá pra dormir não. Deixar minha mochila assim, tá doido? Vem alguém e pega minhas coisas, dou confiança pra esse pessoal daqui não” .

Sei que ele toca sax, nasceu em Planaltina, morou 30 anos na Vila Planalto e agora voltou pra lá por conta de uma triste separação, mas não sei o nome dele.

Minha mãe vive falando “Natália, você não é mais criança” . Quando brigo com minha irmã, de 10 anos, para saber quem fica com o maior pedaço do que sobrou do bolo de chocolate, é “Natália, toma vergonha na cara, já tem 24 anos, fala sério” . Mas depois me aparece com uma nova roupa de cama que comprou pra mim com cachorrinhos e bolinhas que brilham no escuro. Fica bem legal à noite.

Olho pra você, com o corpo como que envernizado, e me dá uma vontade de dizer que te amo, te pedir em casamento, juntar nossas coisas e dividir um apartamento. Pensar contigo na decoração. Iria ser colorida e com muito móvel artesanal. Juntando nossos vinis seriam mais de setenta, fácil... O nosso filho tu acha que teria o olho puxado da tua ascendência indígena? “Acho que sim, ele é bem marcante” . Gosta de Bento? Meus amigos acham bom.

Percebo minha garganta seca pedindo água e me lembro que não gosto de crianças.

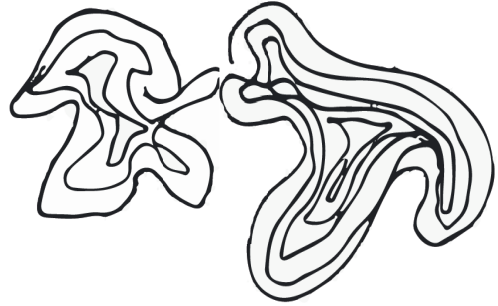


Wesley ley

Mas gostar de alguém é ruim demais, né?!

Dói tanto não estar com a pessoa que se quer. E olha que eu

o vi faz pouco tempo, menos de um dia que foi.  
Sinto saudade quando ainda tô junto, já sei que em algum  
momento não te terei mais pra tocar.  
Quero mais gostar tanto de alguém assim não, cê é besta...



# JUNHO



Nome do cachorro: Bernardo Neto, Cleberton Júnior, Cleimilton, Jefferson, José Augusto (Zezinho), Jairo, Teodoro Tadeu, Fidel, Luíz Eduardo, Luíz Eulário ou Ricardo.

Queria ver quem ia ao meu enterro. Será que apenas uma mísera pessoa? Talvez nem minha mãe. Será que cem? Na verdade, acho que não passariam de 30, contando com família, que lá já vão dez ou 15. Queria mesmo era saber quais.



As quatro fases da minha saudade:

1. Quando estamos perto de nos encontrarmos. Nossa, morro de saudade, fico esperando o momento de a gente se ver. Quando nos vemos, adoro estar com você, te tocar, olhar para seus olhos, sentir sua mão em mim.
2. Quando estamos perto de nos despedir. A saudade mais forte e mais intensa. O pior é que ainda estou com você, mas já sei que nossa despedida está próxima. Não consigo esconder minha tristeza.
3. Quando acabamos de nos despedir, no exato momento que você sai do meu horizonte. Penso muito em nós, penso na relação que temos, se estou fazendo a coisa certa, se namorar é o que eu quero no momento. Talvez nessa hora eu nem tenha saudade.
4. Quando eu não estou com você. Saudade meio dividida. Penso em você e no seu sorriso, desejo te amar com

meu corpo todo. Mas também lembro como era poder pegar qualquer pessoa que quisesse, não me importar com esse negócio de saudade.

Beber sozinho é perigoso. Ninguém para te lembrar da fome que você está sentindo, abafada pela impulsividade de levar à boca só álcool. Cerveja é carboidrato líquido, eu disse para alguém numa ocasião. Assim como naquele, neste dia eu também vomitei por falta de comida e bebida de sobra na barriga. Dei PT, *perdum totale*.

Combinei com algumas amigas de bebermos mais tarde, mas já estava na quadra marcada, sair e voltar não fazia o menor sentido. Compro algo, ali no mercado mesmo, beberico um cadinho e termino quando chegarem.

“Essa aqui é boa, pode provar, bem gostosinha, já que você gosta das mais amargas” . Abri latinhas na casa alheia, no pilotis. Não posso sentar acompanhada de cervejas já tributadas na mesa de plástico amarela.

Cumprir o de praxe, me embriagar *solita* e mandar mensagem para ex. Ex-namorados, ex-rolos, ex-amores. Ele me enviou um som que ele fez. Fez a batida e cantou. Essa geração, a qual pertença pela faixa etária, mas definitivamente não pelas ambições, só quer produzir música. Qualquer brecha no silêncio cabe um *beat*.

Cansei. E aquele pessoal ali naquela mesa? Eles parecem simpáticos, pelo menos daqui dessa distância. Estão tocando um sambinha, vou arriscar. “Claro que pode, senta aqui com a gente” . Deixo minhas latas na mochila e me embriago na surdina, vivendo dois momentos históricos ao mesmo tempo: eu, brasileira, na minha pátria, no ano que é este, e nas ruas de Nova Iorque dos anos 1920, na época do *Speakeasy*. E, se o melhor é o proibido, bebi tudo o que podia e o que não podia.

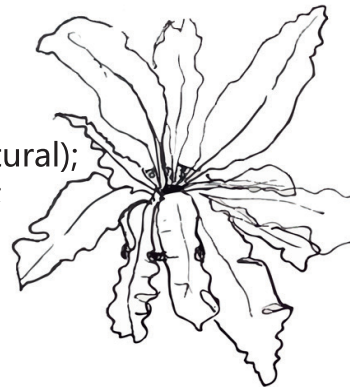
Dó do menino que recebeu as primeiras gorfadas, acho que sujou o tênis dele. Depois descobri o nome dele, o endereço

e que solta um deprimente “foi bom pra você?” depois da transa. Minha amiga ficou com ele dois anos pra frente. Até se apaixonou, coitada, chorou em três festas por ele. “É muita terapia pra essa garota” , disse um amigo nosso. Não podia voltar pra casa naquele estado, nem conseguiria. “Bêbados sempre voltam para casa” , mas tem limite. Preciso deitar. Que horas são? Puta merda, sem bateria. O André mora nesse prédio. Invadi e bati incessantemente na porta. Ele tá fugindo de você, Natália. Lá vem de novo. Como vou limpar esse corredor? É o fim, vou dormir aqui mesmo, amanhã meu caso não vai sair da boca dos moradores, rende inclusive pauta para reunião dos condôminos. Talvez até colem uma nota no vidro da portaria. Porta aberta, um suspiro de esperança. Desculp, tô passando m.

“Moça, você não pode ficar aqui, a casa é da minha irmã, ela tem uma filha pequena” . Que gentileza, ele limpando meu vômito, que escorre perpendicular à minha boca. E eu posso vomitar deitada? O pessoal disse que dá engasgo. “Esse sofá é novo... Você tem quem chamar pra te buscar” ? Tá descarregado. “Pega ele ali, eu coloquei para carregar, desculpa mexer nas suas coisas, eu não sabia o que fazer” . Meu celular, meu dinheiro, meu corpo. Estava completamente vulnerável. Estava tão desprotegida, tão à mercê das vontades que me são alheias. Estava tão frágil, e eu me fragilizei, eu não cuidei de mim. Me desculpa, Natália. Saí grata a ele e envergonhada comigo.

Profissões que me fariam feliz:

- Apresentadora;
- Organizadora de eventos (produção cultural);
- Produtora de programa de TV ou teatro;
- Artista plástica;
- Designer (de alguma coisa);
- Atriz;



- Cronista.

Profissões que não me fariam feliz:

- Serviço público;
- Serviço público;
- Serviço público.



[Nota do futuro (19/07/2022): faço estágio na Imprensa Nacional, órgão público.]

Banco do carro

Hoje, sem melhor opção, sentei-me no fundo do ônibus, na cadeira do meio. Recordei o que me disse dias atrás, quando o questionei por que não se sentava do lado da janela: “Tenho que sentar aqui pra ficar perto de você, já que a bonita precisa ficar ao pé, pegando vento na cara, que nem criança” .

Mas quando era criança eu não ia na janela, tinha mania de ficar no meio. Em ocasiões em que não se fazia possível cumprir minha vontade, chegava a esticar o pescoço para não perder a vista do para-brisa.

Acho que antes eu queria ver o que estava por vir, hoje me contento com o que passa.

O gringo começou baixinho, meio tímido, depois aumentou a voz: “Amorção. Amorção lindo” . A mãe dele foi morar em Salvador e não tem como contatá-lo, disse aflito à namorada.

“Muita saudade, tô ansioso pra sexta... Mas a gente vai namorar muito na sexta... Pra recuperar o tempo perdido” .

Curioso como chamamos “perdido” o tempo que não passamos ao lado da pessoa que amamos. Tempo sem amor é tempo perdido.

Entrei no ônibus, precisando ouvir o que eu não deveria fazer, mas queria tanto. Chama, chama e não atende. Esse

gay safado não vai me atender não? Ai, que bom, que ótimo, a barbaridade que eu torcia para ouvir. Um amor antigo que não saiu do meu coração. Antes acreditava que a superação de um relacionamento vinha quando o amor se findava. Hoje, satisfeita e muda, sendo uma mulher e entendendo tudo, também entendo que, quando amamos de verdade, essa força da natureza em forma de sentimento não sai, muda para outra coisa. Lavoisier tava tão certo, “[...] nada se cria, nada se perde, tudo se transforma” . Farei o que tenho de fazer: desço na rodoviária, pego o L2, cato meu coração do chão, que já saiu pela boca, e me aguento em pé que o ônibus tá lotado.

Ainda faltam três paradas e já consigo ver meu peito tremer, como se estivesse num show, ao lado da caixa de som. Meu corpo todo é caixa de som. Os batimentos da minha ansiedade e pavor estão tão visíveis que, mesmo me escondendo num buraco, 500 metros pra baixo, veriam o chão palpitar, como se agora eu toda fosse o coração da terra. Ele, de início, não queria que eu fosse; disse que estava com uns amigos, iam ver o Flamengo jogar. Alto, magrelo, cabeludo, carioca e flamenguista, tão clichê.

Que amigo é esse? Nunca vi. E só tem um. Eu não me dava bem com os amigos dele, mas esse não, esse eu nunca tinha visto. Simpaticíssimo, geógrafo, dono de uma penca de gatos, cada um com um nome melhor que o outro, muitas cantoras pop. Forças pra Britney, que está internada por conta de um tumor nas costas miudinhas de filhote. “Já preciso ir ao banheiro” . Como prega o conhecimento popular, depois da primeira vez cada gole de cerveja é um riacho pra dentro da gente.

Trocamos olhares de antigos amantes. A pessoa que estava na minha frente tantas vezes vi pelado. Fiquei pelada em cima dele pelado. Perguntou da minha mãe. O que eu digo dela? Dona Úrsula odeia gente em casa. Acho que porque minha avó também não se agradava a visitas. Gabriel nunca pôde subir em casa quando estávamos todos lá. Mas, depois



de tantos relacionamentos conturbados que tive, o relembra com certo saudosismo e desejos de casamento meu e dele. Ah, ela tá bem, do jeito de sempre, né?! Será que digo? Estava dizendo um dia desses que queria você como genro. Será que não deveria ter dito? Puta merda, vou ficar calada agora. Nunca mais vou falar, aquele buraco que tinha me virado coração palpitante, nunca mais sairei de lá. Nem deveria ter saído, deveria ter descido só na W3 Norte e mandado esse bar pra puta que o pariu.

Ele riu. Riu das maluquices que mamãe fala ou da total e completa responsabilidade do fim do nosso vislumbrante casório ser minha, só minha?

O futuro da população brasiliense. “Tem o Leandro Grass” . Cala a boca, nem pode dar palpite, nem vota aqui, vai decidir teu governador lá no Rio de Janeiro. Mas é, tem ele.

O sujeito da oração transcrita no letreiro “Bar do Mendes” retrucava com um barbudo tatuado que se negava a pagar as cinco garrafas que esvaziou. Zé Neto e Cristiano descreveram muito bem a situação: teve dedo na cara, teve voz alterada, teve tudo que tem em uma discussão. Bragantino fez um gol.

“Mas eu num tava esperando o Flamengo ganhar mesmo não, minha torcida é para não perder tão feio” . Vultos atrapalhando a derrota televisionada do Mengão. Policiais militares. Pela cordialidade percebo que são amigos do velho Mendes. Fodeu, agora vai dar ruim.

Ai, mais amigos chegando. Esses eu conheço, esses não gosto. Não é que não gosto eu, não gostam eles de mim. Blá, blá, blá, futebol, contratação do meio de campo da cabeça do meu pau. Papo produtivo, vou até virar o copo em homenagem. Minha vez de ir ao banheiro, eu mereço.

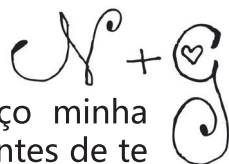
Uai, foi embora? Adorei ele. Vou sentar na cadeira vazia que ele deixou, pra ficar mais perto.

Olha, a mão do Gabriel. E se eu colocasse na minha buceta? Já tô bêbada. Caralho, ele deixou. Tá deixando. Na vez de o amigo responder, virou pra mim com cara de safado, três anos depois. Blá, blá, blá, tá de pau duro. Simbora. “Que

saudade do seu beijo” . Meu deus, ele tava com saudade do meu beijo. “Gosto muito de você” . Meu deus, ele gosta muito de mim.

“Você não levanta a voz. Não toca em mim que eu não te conheço” . Eita porra, estão levando o homem algemado. Eita porra, a língua dele na minha boca. Se os policiais soubessem da canalhice apaixonada que se passava alguns metros à frente, quem saía escoltada daquele bar era eu.

Não foi o nosso beijo imoral, é a imoralidade em que penso em ti enquanto beijo uma boca que me ama.



Odeio olhar para tudo e lembrar de você. Ouço minha banda favorita e lembro de você. Eu já ouvia tão antes de te conhecer, mas parece que seu rosto foi inspirado nas letras do Renato Russo. Nunca mais a UnB vai ser minha faculdade, é a faculdade em que você se formou. Nasci aqui, mas só tenho lembranças suas. Quando eu era criança já te conhecia. Tudo aqui é tão você. Posso nem viajar pra fugir, o Rio de Janeiro é todo você. Niterói é você. Caralho, Gabriel, tudo é você. Nas quadras que cresci não vejo mais cidade minha, eu habito a cidade que você deixou.

A moça pergunta ao companheiro:

— O que é isso na pata dele?

Larga o copo e vai em direção ao pombo que está ao lado de minha mesa.

— Vem cá, Rafael.

Ela batizou o pombo? Ela realmente batizou o pombo?

— Ele não vai me deixar pegar.

O outro retruca:

— Vai em cima, tem que ir em cima!

— Que nem eu fiz com a Matilda, pra limpar o bico?

Aparentemente, Paula (descobri o nome dela depois) não somente batizou DOIS pombos, como sabe diferenciá-los. Ou então é doida.

### Promessa

Sentada agora neste bar, me lembro de um casal. Deixa pra lá. Queria contar outra história, história passada, mas não consigo; tanta coisa acontecendo em volta, tenho que registrar as situações do boteco antes que se percam da minha memória.

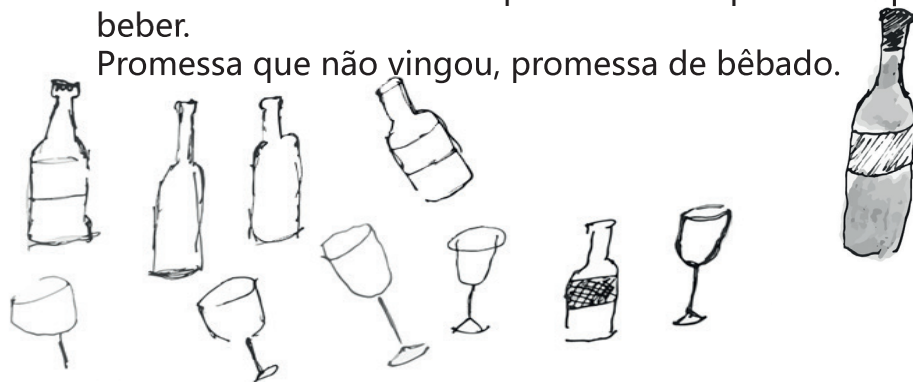
Desde que cheguei observo um senhorzinho. Calvo, o resto de cabelo que tem é de uma brancura de velho. O nariz alongado sob os óculos e, sobre a mesa, cerveja. Enquanto almoço me detenho nele de vez em quando. Com os talheres unidos num canto do prato, como quem diz “já terminei” — assim como minha mãe disse ser a etiqueta —, vejo que se levantou. Meu olhar o encontra de pé numa mesa vizinha, num papo de bêbado com outro senhor. Verdade é que não sei se era conversa mesmo, estava mais para monólogo, o outro sentado não se apresentava muito interessado em responder.

— Eu procurando meus óculos, fuçando as coisas, “meu deus, mas onde tão meus óculos” ? E ele parou, olhou pra mim e disse: “Num é esse aí na tua cara” ? E eu: “Num pode ser” .

O vi tocando os óculos para recriar a situação ao ouvinte apático:

— E eu falei nessa hora que tá em tempo de eu parar de beber.

Promessa que não vingou, promessa de bêbado.



Pombos são bichos imundos, eu sei. Passam doenças, andam na imundice, eu sei. Mas tô com tanta dó do Rafael. Bichinho. O negócio preso na pata ainda não saiu. Os olhinhos alaranjados dele...

É certo ter dó dum senhorzinho que passa vendendo produtos que ele guarda dentro de um saco preto de lixo? Wesley diz que é culpa branca. As pernas tortas, em alicate, como chamam. O cabelo ralo, os olhos duma doçura angustiada. Aqueles olhos suplicantes que se escondem em outros que se propõem alegres.

Fone de ouvido falsificado e maquiagem de criança. Se aproximou de mim, segurava cada um em uma das mãos, e murmurou qualquer coisa. Não sei o que foi, só sorri. Reagi por instinto e educação, porque enquanto falava pude ver os olhos dele sorrirem felizes, única parte do rosto que o expressava por trás da máscara. Acho que ele disse algo feliz.

Estava eu cá reparando nas paredes da casa. Casa do meu namorado, onde mora meu amor. Há um portal para o quarto dos pais dele. Bete e Manuel, "manel" , "manele" , casados há mais de trinta anos. Casal bem tradicional, nenhuma traição e três filhos pra conta. Nenhuma traição descoberta, pelo menos.

No portal, aquele trem que parece um rodapé, o rodapé do portal, não acaba, não encosta no teto, ele num tem fim. Me incomoda, me pego pensando incansavelmente sobre esse ponto sem nó, preencho esse espaço. A televisão está mais dinâmica, mas não me atrai. O portal não fecha, não vai até o final. A mente humana não concebe um começo sem fim. Minha mente não concebe um começo sem fim. Aquela fresta me encarando, me questionando por que me atravessa tanto. Não toca o teto. Nada toca, nada termina. A vida se vive sem fim. Acaba com a acabação.



# JULHO

Luiz, infelizmente não consegui ir ao aeroporto, mas não significa que não vou sentir sua falta, porque vou sim. Sei que faz um tempo que a gente não se vê e que não somos mais quem éramos antes, mas ainda sinto nossa forte ligação... Você nunca deixará de ser o menino por quem fui apaixonada na quarta série, na quinta, na sexta e por aí vai. Olha, curta muito na Califórnia, pegue muitas gatas, surfe bastante e... Ah, seja feliz! Boa viagem e não esqueça de mandar fotos, por favor.

Macacão, casaco da Taco, top preto listrado com branco, blusinha, meia alta preta e vestido estilo blusão social para usar como vestido com cinto (filme *Simplesmente acontece* — quando ela se casa).

Azul turquesa, Expert.

5, 8, 19, 20, 21, 46.

Brechó da rua Turiassu.

Quem nasce assim, no pôr do sol de julho em Brasília, nem imagina a cor do céu azul.



## Bats and Rats

A sociedade, meio medieva, meio vitoriana, se construiu pautada no paradigma da superioridade dos bats — vampiros sensuais (moça que escreveu *Crepúsculo*, não me processe) trajando roupas de alfaiataria com sutil influência cyberpunk — sobre os rats — pobres marginalizados, com vestes e trejeitos de camponês medieval, que viviam em construções sujas e com pé direito baixo.

Minha família era dona de uma taberna que só nos dava de lucro o mínimo para a sobrevivência. Meu pai e minha mãe trabalhavam no balcão e na limpeza, e eu, bela e jovem, servia bebidas às mesas para atrair o tipo mais deplorável de clientela.

Numa noite de muito trabalho, estabelecimento lotado, uns cinco ou seis bats adentraram a imundice de nossas instalações. De imediato toda a corja de bebuns se retirou, restando somente os infelizes proprietários: nós. Não vou mentir, não lembro bem o rosto de todos aqueles seres sanguinários, mas o que travou com meus pais um trato, de me levar por uma noite em troca de não nos matarmos todos, era uma delícia. Muitos pensamentos pornográficos passaram pela minha cabecinha de camponesa recatada. Uma personalidade conhecida: Johnny Depp nas primícias dos anos 1990. Não vou entrar no mérito de agressão, ou de processo judicial, acho que esse não é o ponto. Meu Id freudiano só levou em conta a beleza e a sensualidade do jovem Johnny.

Fui, tive que ir. Estava atormentada por incertezas e acessos de desejo. Ele me levou pelos céus, não lembro exatamente como voávamos, de repente me pareceu que estávamos em vassouras, como bruxas. Sentia minha calcinha molhada e o vento que cortava meu corpo, iluminado apenas pela luz da lua, que nunca tinha me parecido tão próxima. Descemos numa igreja protestante, como uma do interior de algum estado sulista dos Estados Unidos. Toda branca, em madeira,

apenas com uma cruz acima do portal.

Já estávamos dentro dela, estava acabando a missa. Apesar da estrutura de igreja protestante americana por fora, quem pregava o que quer que fosse era um padre. Padre novo, exibia a mitra mais alta que há, além da casula sacerdotal roxa (descobri esse nome agora) vibrante, que se destacava em meio ao branco intocável das paredes e do teto alto e ao preto mórbido das vestes das centenas de bats que preenchiam a igreja. Ocupávamos um assento no alto, como num camarote de teatro antigo.

Terminada a Oração Eucarística, toda a massa sombria de vampiros consentiu, "amém" . Começou aí. Acho que era necessária alguma provação divina para o ritual grotesco e libidinoso que viria a seguir. Ou tudo era só ironia mesmo, aqueles seres diabólicos se prestando à missa e ainda enunciando, em hebraico, a conformidade com a liturgia.

O padre se virou e desapareceu. Caos instaurado. Uma infinidade de corpos num frenesi erótico. Consegui depreender a lógica naquela bagunça, afinal. Era preciso morder com avidez o pescoço da criatura a qual se cobiçava pra instigar a transa. Presenciei ali os ímpetos mais sombrios que dão prazer à carne.

Estava com os olhos arregalados, me sentindo vulnerável e deslocada. Johnny estava logo ao meu lado, à direita, ainda quieto, apenas apreciando o vislumbre *Jardim das Delícias* sádico. Uma cabeleira preta rompeu meu transe, alguém queria adentrar e ter os orifícios adentrados pelo homem que me atiçou. Ela fincou os caninos pontiagudos nele e o sangue subiu à minha cabeça.

Me puxaram pra outra fileira, alguma bat queria se aproveitar deste corpinho lindo repleto de ciúmes. Antes de ceder à orgia, sem outra opção, fiz uma tentativa. Cometi o ato mais primitivo de amor, beijei o menino Johnny. Fixei os olhos nele enquanto me arrastavam para o pecado. Creio que ele nunca havia sido beijado, nenhum bat nunca havia sido beijado. O beijo é expressão do prazer da alma e, como escreveu Bram

Stoker, vampiros são seres desalmados.

O olhar dele seguiu minha descida em total inércia, ele e eu sem conseguirmos reagir aos estímulos externos. A outra que o desejava se roçava nas partes dele, que estavam enrijecidas apesar do choque. Foi a última cena que vi, estava eu mesma para entrar no ritual.

Não sei o exato motivo, mas reconheço que talvez estivesse óbvio pela minha vestimenta e aparência suja que eu era uma rat, porque afinal de contas ninguém me mordeu para começar a suruba nada animada na qual eu estava com mais três bats. Eu parecia um fantoche naquela relação, não queria estar ali, mas o que havia eu de fazer? No tédio, tive tempo para me encantar, apesar de tudo, com a estética belíssima que se desdobrava à minha frente. O vermelho tão vivo do sangue, que representava naquele momento a ferocidade brutal e a mais deliciosa vida, em contraste com o preto tão preto da roupa das criaturas, um preto tão profundo que sugava toda luz. E o branco, um branco puro e liso, de uma brancura tão polida que reluzia. O monocromático roxo do padre deu lugar ao monocromático vermelho sanguinolento, espalhado por tudo, tudo coberto de sangue. Que coisa linda e devastadora.

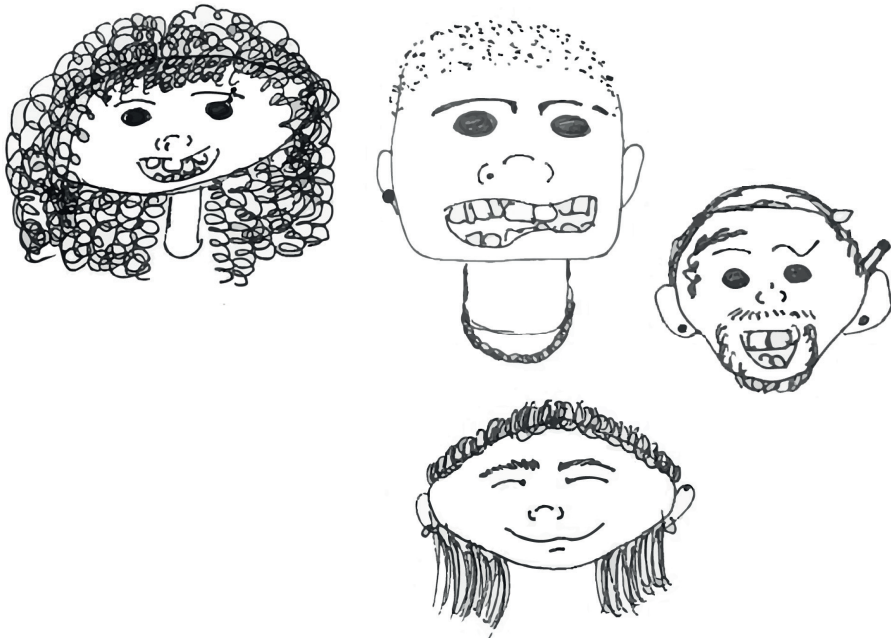
Apesar desse cenário controverso, realmente acredito que meu Id aprecie muito mais um bom final feliz do que um fim abrupto e trágico. Poucas vezes tive pesadelos, no geral são mundos fantásticos que me trazem experiências que eu não poderia viver neste universo. Assim sendo, meu salvador demoníaco veio cumprir o papel dele.

Johnny voou em minha direção com o corpo teso de fúria e de pressa para me tirar daquela situação. Os esquisitos me penetravam e gemiam enfiando as genitálias deles na minha boca e dedos. Ele disparou contra os vampiros com todo o impulso da aproximação, mas nada que despertasse o interesse das redondezas; todos continuaram as linguadas e metecão de mãos e paus nos ânus e bucetas livres.

O momento que me vi no colo dele foi orgástico, meu



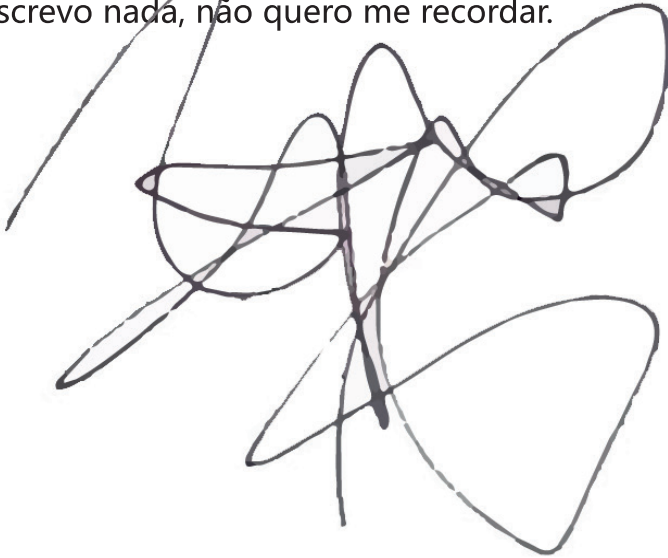
grau de tesão elevadíssimo, a camponesa sendo salva pelo gostoso do Johnny Depp versão vampiro (mas não aquela caracterização trash de *Sombras da Noite*, de 2012; era mais como *Don Juan DeMarco*, 1994, com os trajes de *Sweeney Todd*, 2007). Nos entregamos a um prazer imenso, foi maior que tudo que acontecia ali, fizemos sexo com paixão. Acordei com medo de estar fazendo movimentos suspeitos agarrada ao travesseiro que estava no meio das minhas pernas enquanto dormia.



# AGOSTO

Fogão Venax.

Aparentemente, em agosto sou um robô. Não sinto nada, não escrevo nada, não quero me recordar.



# SETEMBRO

Cara, acho que meu pai é uma das pessoas mais hilárias que conheço.

Será que sou a única com tédio? Me pergunto isso todos os dias, quando estou sentada na minha cama vendo TV. Será que só eu fico o dia todo assistindo a programas inúteis e “sem futuro” (mas mais divertidos que estudar)? Porque não tenho motivação alguma para me dedicar aos estudos, afinal não faço a menor ideia do que quero fazer da vida.

Fico querendo entender como os outros passam as tardes deles, se também ficam olhando o teto ou vendo filmes idiotas. As pessoas fazem tantas coisas divertidas e vão para tantos lugares. São tantas saídas, tantas viagens, que nunca entendo como fazem tudo e como são convidadas para isso! Será que os pais deles são milionários e eles podem sair todo dia para festas — super exclusivas, aliás — ou podem todo dia ir ao cinema ou a eventos tão interessantes que nem sei da existência? Será que sempre fazem o que querem, o que lhes vêm à cabeça? Sempre fazem coisas insanas que adolescentes deveriam fazer?

Sempre penso em coisas que queria realizar, mas são muito loucas (vai entender o que eu considerava “louca” com 16 anos)... AH, DEVO FAZER O QUE EU QUERO, AFINAL SOU JOVEM, ESTE É O MOMENTO DE FAZER O QUE EU QUERO! Não quero deixar a vida passar monotonamente (não sei se existe) por mim.

Acho que as pessoas têm visões diferentes sobre o que é a

vida; muitas acham que é só uma situação em que você tem de estudar, passar numa boa universidade, conseguir um bom trabalho, sair todo dia de manhã cedo e voltar só à noite para ganhar um bom salário e poder colocar os filhos numa boa escola, comprar as melhores marcas, viajar para fora para se gabar nos encontros de família de fim de ano e ter uma boa aposentadoria. Vida medíocre. E outras, como eu, têm a visão de que a vida é tudo; se não estivéssemos aqui, estaríamos em lugar nenhum. A gente estuda, sai, passa num vestibular. (Nessa parte escrevi muita coisa que não concordo agora, não sei se quero transcrever). [...] E tem outras — poucas se afirmam, mas muitas são —, as que veem a vida como um período sofrido do que é o ser. E essa sou eu às vezes, no meu solitário interior, quando penso que não deveria ter nascido, que a vida me foi imposta em sua crueldade, e que seria bem mais fácil se apenas deixasse de existir. Afinal, sei que a vida parece uma grande lástima, com muitos desprazeres, mas espero coisas extraordinárias.

Maré. O Eu que atravessa o mar. Mudança do nível dos mares. Eu sou água, eu sou vento. Me sinto e me faço sentir. Sigo sem destino. Percorro o caminho dos rios. Nasço nos moinhos, me acabo em oceano. Me desfaço em tsunami. Não sei se gostei, muito clichê.

Eu, vento que bate de repente no outro. Maré oscilante de um riacho pacato, sem nome. Enquanto alma, intocável; enquanto corpo, gozo. Brisa que bate na janela fazendo dançar as cortinas de tule. Me sinto e me faço sentir.

Lista de materiais para xilogravura:

- \* Tinta preta à base de água;
- \* Goivas;
- \* Lixa;
- \* Rolo;

- \*Espátula (para espalhar a tinta);
- \*Colher de pau (opcional);
- \*Madeira;
- \*Papel gramatura 250g/m<sup>2</sup>.



Solicito, encarecidamente, o trancamento parcial de matrícula justificado na matéria Projeto Final em Publicidade e Propaganda. Estou sendo orientada pelo professor Gustavo de Castro da Silva, que está ciente e concorda com minha decisão. O pedido se dá em razão da carga horária de 30 horas semanais no serviço público, como estagiária. Quando não mais, devido a eventos aos finais de semana a que eu, como profissional da área de comunicação, tenho obrigação de comparecer. Meu projeto já está encaminhado, mas, por conta do tempo, fico impossibilitada de concluí-lo. Todavia, pretendo fazê-lo no semestre que se sucede.

Centro de custo: Direção da Secretaria de Administração Acadêmica

Para: SAA/COS/ICC,

Indefiro a solicitação de Trancamento Geral de Matrícula Justificado, do período 2022.1, da discente Natália Sampaio Avancini Seabra, matrícula 170152961.

Ele me levou pro bar em que eu o traí. Olhei na direção da mesa em que a gente se beijou e senti minha pressão cair. Eu amo tanto esse menino, mas, se você aparecesse na minha frente agora, se você por acaso estivesse por onde meus olhos passaram te vasculhando, por entre aquelas mesas e jovens ocupando o pulmão com ares de cigarro, não sei o que faria. Acho que não tem resposta melhor e mais elucidativa/ilustrativa pra minha reação do que dizer que eu teria o piripaque do Chaves.

Você não estava lá.

Ficou tudo bem, posso postergar mais um pouco o encontro

entre mim e você, entre você e ele; entre mim, ele e você;  
eu, minha traição e ele; você, minha clara não superação e  
ele; você, ele e o desconforto; eu, você, esses quatro anos  
passados e meu amor que chegou por outra pessoa.



# OUTUBRO

Na moral, *Tá Dando Onda* é muito engraçado, cara! Um dos melhores filmes de animação que rola.

Tarkan – cantor.



“Não tome como promessa, porque o futuro é incerto,  
Mas em retribuição a tamanho esforço teu,  
Um dia saberás, de coração aberto,  
Poucos te amarão tanto como eu” .

*Complô contra a América.*

Mídia é o mais geral, tipo televisão, rádio, jornal... Veículo é a marca, tipo Globo, Estadão...

Te amei de primeira. Te amei desde “Gabriel, vai ficar com a Ísis” , te amei principalmente no “caralho, agora eu quero te pegar” . Desde aquele dia te amei pra sempre.

Amar alguém que vai ficar é fácil  
Difícil é amar você, que vai embora  
Cada eu te amo tem um pouquinho de adeus, de fica mais

Cê não vai esquecer de mim, né?!

Dói

Eu não sei onde vou guardar tanto amor

Ele não cabe mais só em mim

Preciso de você, aqui,

Guardando no seu coração toda a paixão que te dou com meu olhar

Não sei onde eu tava com a cabeça quando me deixei levar por você

Qual exatamente foi o dia que eu não era mais só minha?

Acho que um dia atropelou o outro

Esbarrou num terceiro

E eu acabei embolada nos teus carinhos



Tudo que é impresso em rotogravura (gravura em metal) é reticulado, nada chapado, nem as letras.

Possíveis problema de pesquisa:

Como os romances românticos brasileiros de 2ª geração construíram um imaginário de amor irreal?

Por que o movimento realista literário se fez tão necessário após o romantismo?

É possível comunicar somente pela estética? Experimento com cenário fantasioso.

Bati uma punheta *wireless* para você.

Tô dodói, sem muita disposição pra transar. Não que eu não queira, claro que quero, só rejeito qualquer corpo estranho penetrando minha carne padecida.

Mas eu sou uma boa mulher, bem ensinada a satisfazer meu homem. Te chupar não, nada da minha garganta inflamada chegando perto de um pênis sujo. Se bem que nem periga,



aqui é só a cabecinha e sintá-se satisfeitíssimo. Também sem ânimo para me esforçar numa bela punheta, apertando o pau como você gosta.

“Tô com tanto tesão, meu pau tá duro desde ontem” . Uai, então vai gozar com qualquer coisa. E se eu tocar assim, cê gosta? Fiz um círculo com meus dedos, indicador e polegar tentando se encontrar sem sucesso. Como se estivesse mostrando a grossura do seu órgão pra alguém.

Subia e descia, subia e descia, roçando levemente ao longo do comprimento. Parecia aquele jogo no qual o objetivo é passar um arco por algum objeto sem o encostar, senão leva choque. Você gemia mais alto toda vez que eu era eletrocutada.

Emanava vibrações para o seu pau, ele recebia, incorporava e as expelia efusivamente ao universo, em resposta. Os metafísicos modernos vão me julgar muito ou concordar plenamente com essa minha frase.

Gozou. Agora posso dormir e depois me vangloriar de ter realizado esse feito sem nem promover atrito da minha mão com sua pica.



13

Natália Sampaio Avancini Seabra,  
Sua conta corrente está sem movimentação há 90 dias,  
estando sujeita à cobrança de tarifas.

Titulares:

Natália Sampaio Avancini Seabra.

Movimente sua conta e continue aproveitando as vantagens que o BB oferece.

Em caso de dúvidas, consulte a Central de Relacionamento BB, nos telefones descritos no rodapé desta correspondência.

Continuamos à disposição,  
Banco do Brasil.

**LULA** ★

# NOVEMBRO

Quero um visual Raja no episódio 13, 3ª temporada: blusa branca social e jaqueta.

Às vezes sinto falta de não sentir falta de ninguém.

Efeito latente é contrário ao efeito Barlett.



Arte não é só o que preenche as galerias, o produzido por mãos renomadas, músicas da playlist do Spotify ou poemas do Carlos Drummond de Andrade. Não dá para fugir do clichê: arte é se expressar, é externalizar o caos de dentro da gente, é materializar o imaterial: sentimentos, desejos, marcas, cicatrizes. Pluralidade, esse é o cerne do fazer artístico. É o desdobramento a partir da bagagem que decorre da soma de vivências. E quando nós nos percebemos em momentos sombrios, como este, no qual é legitimado discurso de intolerância por uma figura em tamanha instância de poder como a presidência, se estabelece como verdadeira e socialmente aceitável uma única forma de existir, dentro de parâmetros moralistas arcaicos e preconceituosos. Consequentemente, há invisibilização de indivíduos que não se encaixam ou não corroboram com tal estado unidirecional do viver, pautada pelo senso de esgotamento de humanidade do outro — conceito que por sua vez é baseado na aceitação de direitos igualitários universais —, por não reconhecerem

nele o que reconhecem em si.

Quando não se existe, não se mostra ser, não se faz arte, predomina a deslegitimação da expressão alheia não compactuante com a moral vigente. Se a pluralidade é excluída e a política é excludente, a arte é limitada e seu motivo de ser é sufocado e torturado num porão do DOI-CODI.

Você sabe que mexeu comigo, né?! Você veio, pegou todas as minhas certezas, jogou pro alto e deitou por todo o meu pensamento. Nem se fala da minha psique... Abaladíssima.

Putá merda, ele mudou a foto de perfil no WhatsApp, tá tão lindinho. Não sei se ainda gosto dele, acho que gosto. Tenho que tomar alguma decisão quanto a isso, não aguento mais. Gabriel, cê ainda pensa em mim?

Se ele responder "não", eu apago o contato dele e me esforço pra suprimir todo esse sentimento que tenho, todo esse alvoroço, todo esse rebuliço que fica no meu estômago quando olho a imagem dele. Se ele falar que sim, aí fodeu. Não tô preparada pra essa resposta. Se ele falar "sim" o que eu faço? Meu pai eterno.

Eu tô surtando. RESPONDE LOGO, PORRA, É SÓ FALAR "NÃO".

Eu vou ficar devastada se você falar "não".

Online, PUTA MERDA.

Visualizado por último às 13h20. PUTA QUE PARIU, É SÓ FALAR QUE NÃO PENSA EM MIM, É MELHOR.

Eu vou ficar triste.

Acho que ele nunca vai responder.



# DEZEMBRO



Show do Nebana. 20h, dia 16, R\$ 15.

Nome artístico: Natália Vaz.

Mikael escreveu pra mim: Evite fumar antes de vir rlx n sou xx9.

“Débora, você é uma mistura de Cinderela com Chuck Norris, mas com cara de Brendan Fraser” .

Por que a gente machuca quem a gente ama? Eu não quero desistir de você. Tenho que te dar esse amor que tá aqui dentro, ele já tá transbordando em mim. Eu tô suando amor. Te amo mais do que já amei outro, mais do que soube demonstrar. Sei que te magoei muito. Acho que sou mais carente que você. Queria que minhas palavras às vezes não tráíssem meus sentimentos. Quero mais gozo seu entre minhas pernas. Adoro te olhar enquanto dorme, fazendo carinho nas suas costas. Na minha cabeça, eu caí de cabeça em você. Quero falar bobagens pra sua mãe no Natal, vendo você ficar todo sem graça. Que graça é você sem graça. Quero enrolar teus cachos nos meus dedos enquanto você dirige, no banco do lado.

Bora lá, né, vamos fazer o itinerário das viagens. Lá em SP, lugares que quero ir:

- \* Sesc Pompeia;
- \* MIS (existem 2 agora! Posso ir na terça, que é de graça);
- \* Sesc;
- \* Brás;
- \* Aquele cinema que Vitor me levou, perto de casa;
- \* Sesc Vila Mariana;
- \* Todos os Sescs (não funcionam segunda);
- \* Beber embaixo do Masp;
- \* Itaú Cultural;
- \* Centro Cultural São Paulo (rua Vergueiro, 1000. Terça a domingo, 10h-20h);
- \* Ibirapuera;
- \* Casa das Rosas;
- \* Instituto Moreira Salles;
- \* Japan House;
- \* Farol Santander;
- \* Instituto Tomie Ohtake;
- \* Casa das Caldeiras;
- \* Aquele rolê na Luz (Casa da Luz).



Tá, agora vem o difícil! Programação dos dias:

31/12: Trocar um pouco do dinheiro no aeroporto de Santiago, depois pegar um uber ou táxi (mas antes perguntar se não dá para ir de transporte público), chegar no hostel e sair para comprar comida porque dia 1º as coisas estarão fechadas.

Lugares para passar a virada no Chile:

\* Torre Entel, na frente do Palácio de La Moneda (chegar cedo);

\* Valparaíso ou Viña del Mar, que são praias (mas tem que pegar metrô, e é litoral, depois dormir na rua).

Usar roupa íntima amarela.

01/01: Curtir ressaca, ficar no hostel e andar pela cidade. Ir à praia, caso o metrô funcione (pelo visto não dá pra ir direto). Do dia 2 ao 9, anotar os lugares que quero ir e depois me

organizar.

NÃO PASSAR PELA PLAZA BAQUEDANO!

O que pretendo para o ano que vem:

\*Achar um amor (alguém com quem eu queira me comprometer, fazer as coisas certas);

\*Pensar no meu futuro (juntar dinheiro no estágio);

\*Mandar portfólio para alguns lugares;

\*Ler mais (principalmente assuntos filosóficos, fenômenos comunicacionais, culturais etc.);

\*Beber menos (e melhor, beber bastante água, já o álcool em menor quantidade);

\*Fazer mais arte (mais do que eu gosto: bijuteria, roupa de latinha, quadro, cartão, desenho);

\*Planejar uma viagem (caso corona esteja controlado);

\*Dar um presentão de 50 anos para mamãe;

\*Ser uma pessoa melhor (comigo, com os outros e com o mundo).

Mensagens para L:

Queria muito te ver

Cê me lembra o Elio de *Me chame pelo seu nome*

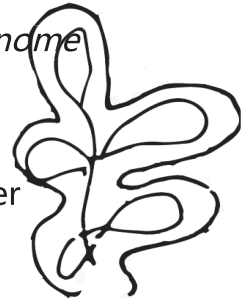
Queria muito beijar sua boca

Caralho, não paro de pensar em ti

Eu só queria te tocar

Vei, tô surtando, S U R T A N D O. Vem me ver

Me deixa gostar de você, vai



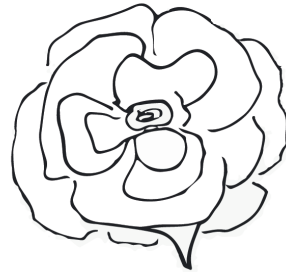
(continuo doida)

Seu único defeito é não gostar de mim (Flora Matos).



Ho ho ho

Papai Noel atrasou, mas não se esqueceria da querida Melinha! O bom velhinho aqui acabou se enrolando com os endereços e entregou seu presente para a antiga casa, na 416. Como os duendes pegam no meu pé com tudo, foi uma burocracia e tanto para reverter o ocorrido, perdão. E o Noel, já com idade avançada, não se dá muito bem com trâmites, é muita documentação e muito tempo gasto, só a Mamãe Noel para me aturar nesses momentos. Apesar de toda essa confusão e chateação, que sua pequena Natália me relatou em carta, espero que não fique triste nem deixe de acreditar no bom velhinho e em dias melhores, que com certeza virão. Feliz Natal!







Natália Sampaio A. Seabra

